



## PARECER N.º 4

O livro *PRISMAS* de J.

Rodrigues de Carvalho.

A Commissão de litteratura e artes da «Academia Cearense»—em o cumprimento de dever—vem gostosamente dar opinião sobre os *Prismas*—livro com que o Sr. Rodrigues de Carvalho se apresenta candidato á vaga na mesma sociedade.

João Pedro Ribeiro, fallando da livraria de um negociante portuguez do XIV seculo, notava que se alliançam bem commercio e letras.

E' o caso. O Sr. Rodrigues de Carvalho devota-se todo inteiro ás letras. As suas horas uteis—o tempo para o pão—são a ellas consagradas—é o trabalho do officio, a ellas são tambem destinadas as horas do lazer—é o trabalho da diversão. Absorvem-no as letras de cambio e as bellas letras. Ao labor mercantil allia as locubrações litterarias.

Ed. Quinet, o sublime pantheista do «Ahasverus» começando o estudo da sciencia de Euclides—confessava ao professor—que os algarismos estancavam a imaginação. E o mestre demonstrava-lhe cabalmente, de modo a convencel-o, a fazel-o amar a sciencia em aprendisado—que as mathematicas têm a sua imaginação ampla, desmesurada mesmo—que para resolver uma equação—que citou, care-

cia de uma imaginação tão espontanea—como para compor uma ode de Pindaro. E Quinet apaixonou-se do novo estudo, arrebatou-se e se persuade dono do talisman—que abre as portas de todos os mysterios. As mathematicas lhe deram «o gosto da luz».

Rodrigues de Carvalho—ao enveredar-se na difficil teia da vida, escravizado aos «diversos a diversos», emmaranhado nas cifras do «Caixa»—não sente a imaginação esvaecer-se, pelo contrario ou por isto mesmo—tem-na aprimorado pela regra, disciplinado pela correção.

A comissão leu cuidadosamente os *Prismas* e opina que são prismados de elevação de idéas, de poesia sadia, do *pathos*—que faz o poeta.

«O poeta (E. Veron, «L'Esthetique», p. 382, ed. de 1878) só é verdadeiramente poeta aos nossos olhos—se á faculdade de sentir e commover-se ajunta o talento de nos communicar a sua propria emoção.»

Rodrigues de Carvalho não é um metrificador sem vocação, um escrevedor de prosa do meio da linha, não, é dotado de fina esthesia, tem o mysterioso dom de nos transmittir viva, nitida a sua emoção, tem o *genus irritabile* com que o velho de Tibur caracterisava o melindre, a delicadeza, a extrema susceptibilidade dos poetas.

Não fará a comissão uma travessia pelos enredados dominios da arte. Não. Dirá de leve sobre o artista—sem fazer-lhe a psychologia e sobre o livro sujeito a exame—que é mesmo uma auto-psychologia.

Rodrigues de Carvalho não tem partido em poesia, a paixão sacode-o e o poeta não se subordina, burila o verso com a eloquencia do sentimento, com os arrastamentos da inspiração, com lyrismo do coração, sem preocupação de escola, livremente, espontaneamente, naturalmente, apenas patenteando leitura de seus autores predilectos.

A sua poesia imaginosa, vasada em plastica regular, em rythmo sonoro—deixa impressão agradável.

Goethe com a serenidade de um philosopho grego, com a



vida pautada do methodico Kant—tinha entretanto ou por isto mesmo entranhada admiração por Byron, o mais vehemente dos poetas, devorado de paixões violentas, agitado de fragorosas tempestades.

Rodrigues de Carvalho—trepado no seu mocho, debruçado sobre a carteira a escrever o «Caixa» do Banco do Ceará—sosegado como um espirito bem equilibrado, calmo como uma consciencia sem transgressões, revela intimo affecto pelo impeccavel poeta do «Childe-Harold, que deu-lhe a paixão pela Italia tão poeticamente cantada em seus *Prismas*—que—em fino crystal decompoem os raios de seu espirito—em plena floração poetica. Tem mais elos de prisão. Ainda dá a conhecer assidua leitura do grande poeta—a grande paixão pelo que é nobre e elevado, o pouco apreço aos grandes nadas da vida Inspirações recebidas dos poemas formosos do formoso lord. A sensação predominante do livro é a da tristeza, da desillusão, da dôr—que domina a obra immortal de Byron. O seu poetar se approxima um pouco do de Soares de Passos, o inspirado poeta das tristezas.

A sua idealisação, porém, só tem uma mira—servir aos interesses da arte. Não arma a effeito. Vae poetisando o que encontra em seu caminho—como de Gœthe dizia Merck.

Tem versos breves e conceituosos—como os de Bartrina—o extraordinario miniaturista hespanhol. Escreve bonitas elegias O seu idyllio—«Mãi»—é encantador, como «As Mãis» do mestre quinhentista Antonio Ferreira.

Os seus «Salgueiros» (3ª parte do livro) onde ha bôa poesia, lembra o formoso e conhecido «Baile das Mumias» de Carlos Ferreira.

A sua poesia intima, a sua poesia do lar é captivante e sentida, singela e commovida. Os versos a sua Mãe, a seu filho, a sua filha morta, brotam espontaneos da alma do poeta.

Pelo que fica exarado conclue a commissão—que os *Prismas* do Sr. Rodrigues de Carvalho preenchem as

exigencias do art. 6º da Lei Organica da «Academia Cearense.»

Sala das commissões da «Academia Cearense», Fortaleza, 18 de janeiro de 1897. (\*)

PEDRO DE QUEIROZ, relator.

ALVARO DE ALENCAR.

RAYMUNDO DE FARIAS BRITO.

---

(\*) Este parecer e o anterior foram lidos em duas sessões da Academia, sendo eleito o candidato Rodrigues de Carvalho, como ver-se-á de uma das actas neste volume.

